

## EDITORIAL

### ESCOLA E LINGUAGENS JUVENIS: RESISTÊNCIA OU ABERTURA AO NOVO?

**Candido Alberto Gomes**

Coordenador da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade  
Católica de Brasília  
clgomes@terra.com.br

Os resultados dificilmente poderiam ser outros. O acelerador da História afunda cada vez mais, enquanto a globalização e a mundialização se tornam cada vez mais abrangentes e profundas. O encolhimento do tempo e do espaço, o fluxo de valores sociais em mudança e de movimentos contestadores nos conduz a horizontes pouco nítidos, cuja projeção desafia o imaginário. Várias expressões, muitas vezes metafóricas, têm sido utilizadas para representar a complexa realidade de hoje: sociedade de risco, modernização reflexiva, pós-modernidade, modernidade líquida, sociedade em rede, sociedade mundial e outras. A explosão das categorias e valores sociais se afigura também como um terremoto, em que só a instabilidade parece estável. Com isso, as linguagens têm sofrido transformações mais ou menos revolucionárias. Estabeleceu-se um vórtice de novas tecnologias, difíceis de imaginar há pouco tempo. A “revolução de Gutenberg” mais parece um lento processo diante de inovações que se atropelam na superação e descarte continuados das tecnologias. As novas gerações, nesse contexto, têm dificuldade de acreditar que existam valores éticos comuns, relativamente duradouros, capazes de transcender aos séculos. Comparados aos bens da sociedade de consumo, eles parecem destinados à rápida e programada obsolescência.

Ainda no início do século XX a sociologia durkheimiana identificava o fato social pela sua exterioridade em relação aos indivíduos, pela sua coercitividade, isto é, a pressão de fora para dentro para uniformizar os comportamentos das pessoas, e, por fim, a sua “generalidade”, ou seja, os modos de agir, pensar e sentir são partilhados por coletividades. Se valores, normas e padrões são incessantemente contestados, pouco ou nada escapa: as aprendizagens e os usos das linguagens são eternamente provisórios. Se as gramáticas e estilos de gosto envolvem um conjunto



socialmente reconhecido de regras, por que não derrubá-las, ou pelo menos mudá-las, na esteira do movimento de ser proibido proibir? Reiterando de certo modo a sociologia durkheimiana, delineiam-se duas posições básicas, perpassadas com frequência pela perplexidade: uma de resistência à “corrupção” das línguas e outra de reconhecimento e admissão do novo. Estaríamos, pois, diante de uma nova invasão dos bárbaros, com Átila e os hunos empurrando os povos e chegando ao perímetro sagrado de Roma? Ou estamos diante de um desfile de inovações que refletem novos mundos, técnicas e valores? Essas duas posições se manifestam nos currículos, nas práticas de sala de aula, na formação de professores e nas políticas educacionais.

As linguagens não são frias, neutras ou destituídas de importância, daí as comoções que despertam. Por meio das linguagens o homem conhece, pensa e se comunica com ele mesmo, com os seus semelhantes e com os seus dissemelhantes. Elas são os veículos por meio dos quais as gerações transmitem e modificam a herança cultural, daí se falar até em “déficit de socialização das novas gerações”. Como se fossem espelhos transformadores, as linguagens são códigos compartilhados que refletem as mudanças histórico-sociais e devolvem a luz transformada, processada, às sociedades e seus grupos. Elas são ao mesmo tempo fatores e reflexos de movimentos contraditórios entre linguagens e sociedades. Não adianta buscar a ordem do ovo e da galinha. Nada há parecido com o perpétuo fluir do rio de Heráclito, que, por ser permanente e unidirecional, já assustou muita gente desde a Antiguidade. Algumas das imagens refletidas por esses “espelhos transformadores” são tão intrigantes que há milênios foi simbolicamente explicada pela torre de Babel. Com efeito, as linguagens são modificadas, em grande parte, pelo isolamento e contatos sociais. Quanto maior o primeiro, maior a diferenciação. Quanto mais intensos e frequentes os últimos, maior a amálgama. Como as sociedades se compartimentam, inclusive em grupos etários, classes sociais, grupos étnicos e uma série de outros, formando círculos e faixas superpostos e interseccionados. Desse modo, por exemplo, um jovem descendente de imigrantes ucranianos pode falar em Portugal o idioma dos seus pais; o português, tal como oficialmente ensinado na escola, e, o que é essencial, o português dos seus colegas portugueses e, talvez ainda, dos seus jovens colegas ucranianos. Não integrar as linguagens dos seus iguais se traduz em solidão, a pena de morte psicossocial aplicada pelos jovens e por muitos outros grupos sociais. Adolescentes e jovens acham-se em longo processo de aquisição de identidades, um dos motivos pelos quais é intensa a coerção do grupo sobre os seus hábitos, costumes, modas e tudo que possa identificá-los e às suas

“tribos”. O pertencimento depende em grande parte de entrar nesse fluxo contínuo, em que a palavra ou gesto novo deve ser renovado quando os outros, de fora da juventude, passam a conhecer os seus significados. Um “secreto” elemento de identificação precisa ser imediatamente substituído, como um código militar deve ser alterado quando o “inimigo” o decifra.

Paradoxalmente as linguagens unem e diferenciam, aproximam e afastam, derrubam e constroem muros, são ao mesmo tempo praças e fronteiras. Adolescentes, jovens e crianças podem apresentar múltiplas diferenças, porém há uma característica transversal, a sua localização no tempo em face de outras gerações. Em certos casos, o atravessamento de fronteiras se torna dramático e pode chegar aos meios de comunicação de massa, como no caso de raparigas das classes médias que se apaixonam por jovens residentes em favelas, no Rio de Janeiro, e, tornando-se não raro traficantes varejistas, com eles passam a viver “maritalmente”, como diz a velha linguagem jurídica e policial. “Machos” diferentes daqueles do asfalto, exercem uma atração, talvez exótica e romântica, levando não a raptos, como na época de Camilo, mas à fuga. Antes dessa convivência, os bailes de *rap*, *funk* e outros gêneros promovem relações entre jovens de camadas sociais diferentes. Meninos de classe média reclamam que se vestem e se perfumam para as meninas, enquanto parte destas se fascina pelos garotos suados e sem camisa, moradores da favela, que se desviam das convenções do pequeno mundo delas. A média chega a abordar o “aluguel”, pago em dinheiro, de fuzis e metralhadoras do tráfico, para os adolescentes de classes altas e médias, terem o “gosto” de dar uma “voltinha” com essas armas, assim exibindo o que, para bons freudianos, seriam avultados símbolos fálicos. Nada disso é novidade, pois o *jazz*, oriundo dos guetos negros dos Estados Unidos, foi socialmente promovido como gênero de protesto aos lugares mais “elegantes”, no início do século XX. O tango argentino, música e dança sensuais, originados, dizem, dos cabarés e prostíbulos, também foi promovido aos mais ricos salões de decoração neoclássica, com o amplo entusiasmo da juventude contestadora.

Além desses aspectos, o uso da língua se relaciona ao prestígio e ao poder, desigualmente distribuídos nos espaços social e geográfico. Em *Hamlet* diferenciam-se facilmente os dialetos sociais do coveiro e dos aristocratas, numa hierarquia vertical de “sangue” e de dialetos sociais. Em partes do Caribe muitos pais enfrentam os preços das escolas particulares, para que seus filhos mantenham o sotaque “padrão” do inglês e, assim, tenham acesso a certas faixas de emprego,



melhor remunerados. A escola pública, frequentada quase totalmente pelos descendentes dos escravos africanos, leva crianças e adolescentes a se integrarem a grupos que falam o papiamento ou o inglês não padrão, considerados impróprios para assumirem, no futuro, as mais altas posições sociais e ocupacionais. Tal sotaque é apenas parte de um complexo cultural que envolve outros componentes, também considerados incompatíveis com as linhas de classe e etnia. O idioma tanto é expressão de poder que os dominadores indonésios proibiram a população de Timor Leste de falar o português, estendendo inutilmente um véu de esquecimento da sua cultura. E Portugal, apesar da dura resistência dos lusitanos ao invasor romano, acabou por falar o latim “bárbaro”, de cuja cepa nasceu o português, como expressão de uma identidade histórica que germinou muito antes do Condado Portucalense. Por sua vez, Frei Luis de León, o revolucionário mestre de Salamanca, pioneiro em admitir perguntas dos alunos nas aulas, passou longo tempo preso pela Inquisição, alegadamente por discordâncias na tradução de um livro bíblico por si só controvertido, o “Cântico dos Cânticos”. O início do diálogo entre professor e estudante era uma questão essencial de poder. Tanto que, ainda à época da Segunda Guerra Mundial, dizem testemunhas vivas, o aluno de Coimbra que cruzasse com um catedrático deveria baixar os olhos e manter o silêncio como sinais de respeito. Nem bom dia, nem boa tarde e, muito menos, boa noite. Para ir ainda mais adiante, continuam a ser muito relevantes as esferas simbólicas de grupos profissionais. O hermetismo dessas esferas é uma forma de incluir aqueles que partilham uma subcultura comum e de excluir os chamados leigos, que assim são considerados incompetentes para exercer ou discutir certas funções. A medicina, o controle de voo, o direito e outros campos intimamente relacionados à existência e sobrevivência da vida humana parecem ser os mais estritos nesse sentido.

As relações entre as línguas, o prestígio e o poder, tão evidentes hoje pelos códigos “politicamente corretos”, refletem-se também na escola, sobre a qual já se desenvolveram variadas teorias, inclusive as da reprodução. Segundo elas, a escola, vista como uma arena de imposição cultural e de poderes, exerce necessariamente a violência simbólica, ao exigir dos alunos capital cultural prévio e ao separá-los conforme compartimentos hierárquicos, como os grupos discentes na turma, as próprias turmas, as escolas (tal como localizadas no espaço social) e a opção curricular, entre outros. É claro que os furacões contemporâneos têm varrido e mesclado muitos desses compartimentos dispostos em pirâmide. Assim, as linguagens

atuam tanto como veículo de incorporação a grupos sociais, inclusive comunidades, quanto atuam como fatores de mudança.

Assim, a Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade da Universidade Católica de Brasília se sente honrada com o convite de *Interações* para ser editora convidada de, a princípio, um número sobre a escola e as linguagens juvenis. Tão significativa, porém, foi a resposta à nossa chamada de trabalhos, divulgada em quatro idiomas, que se tornou necessário organizar dois números. O presente começa com a opinião de David Crystal sobre a alegria de elaborar textos nas novas tecnologias. Para o renomado autor, se os jovens estão escrevendo e, inclusive, escrevendo ludicamente, importa o verbo: escrever. Em seguida, se desenvolvem as relações entre as linguagens, as tecnologias e as juventudes, por meio da palavra de respeitados colegas ibero-americanos: María de la Villa Moral Jiménez, Victor Manuel Mari Sáez, Antonio M. Bañon Hernandez, Gloria Fuenmayor e Yerling Villasmil. A Prof<sup>a</sup>. Zohour Messili-Bem oferece mais um trabalho relevante sobre as linguagens dos alunos das periferias urbanas francesas, onde se associam características dos grupos etários, da etnia e da estratificação social. Madalena Teixeira e Rosário Correia analisam percucientemente a linguagem de SMS. As resistências dos alunos no sentido de cederem as suas mensagens às duas professoras-pesquisadoras, representantes do grupo adulto, são ilustrativas do sentido de identidade dos códigos adotados pelos jovens. Mesmo sob a proteção da ética científica, relutaram em abrir os seus “segredos”, com o temor de que chegassem aos pais. Segredos de polichinelo? Em parte, com certeza, sim, mas não só estes.

O último artigo se refere a uma situação paradoxal: por que alunos leem vorazmente obras não indicadas pela escola e revelam inapetência para as leituras recomendadas, dos tais livros “paradidáticos”? Linguistas e um sociólogo da educação colaboram interdisciplinarmente para compreender os intrigantes porquês.

Por sua vez, dois textos de divulgação mais ampla de Alejandro Castro Santander, que chegam à massa da população e do magistério da Argentina, abordam a juventude neste e nos seguintes anos, que correspondem ao bicentenário da independência dos países latino-americanos.

Por fim, em face da rica profusão de pesquisas e posições, em duas resenhas bibliográficas Ivar Vasconcelos, Janete Palazzo e Adriana Lira nos chamam a atenção para obras significativas: uma tese de doutoramento sobre SMS e um livro polêmico,



que focaliza as diferenças de perspectiva de linguistas e gramáticos. O fato de estar em 52ª edição mostra o calor das discussões.

O número de *Interações* a seguir dará prosseguimento à abordagem do tema, aprofundando-se nos currículos, na formação docente, na leitura, no desejo de ler, no bilinguismo, na didática e nas questões de gênero envolvidas pela fala informal de adolescentes. Novas obras para melhor conhecimento da juventude foram selecionadas e resenhadas, para os que desejarem aprofundar-se.

Este autor, além de reiterar os agradecimentos à generosa acolhida desta Revista, destaca as contribuições preciosas das editoras convidadas, Prof<sup>a</sup>. Doutora Teresa Tedesco Vilardo Abreu e Prof<sup>a</sup>. Tânia Regina Pinto de Almeida, que a ele se associaram nesta missão, apesar das distâncias geográficas entre Brasília, Rio de Janeiro e Portugal. Cabe também consignar e agradecer a participação devotada e indispensável da Prof<sup>a</sup>. Adriana Lira e do Acadêmico Thiago Climbiê Ramos de Souza, a primeira, secretária executiva e o segundo, bolsista desta Cátedra. O fato de reunir autores atuantes em várias partes do mundo, que, na quase totalidade, não os editores convidados não conhecemos face a face, mostra o poder das tecnologias, como veículo das linguagens acadêmicas em vários idiomas. Se os jovens as usam, nós as temos empregado para melhor compreendê-los na educação do século XXI, que se apóia em quatro pilares, conforme o Relatório da UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Afinal, este projeto da Cátedra, focalizando as linguagens, é um modesto tijolo na construção de um mundo de paz. Segundo a Constituição da UNESCO, escrita ainda entre as cinzas do último grande conflito mundial, *se a guerra nasce da mente dos homens, também a paz nela pode ser cultivada*. Obviamente, por meio das linguagens, que, conforme escrito antes, tanto podem ser pomos de discórdia como meios de entendimento.